

**A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE EM LUZES DE EMERGÊNCIA SE ACENDERÃO AUTOMATICAMENTE, DE LUÍSA GEISLER**

**YOUTH REPRESENTATION IN LUZES DE EMERGÊNCIA SE ACENDERÃO AUTOMATICAMENTE BY LUÍSA GEISLER**

Ariane Avila Neto de FARIAS<sup>1</sup>  
Ânderson Martins PEREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O reconhecimento da multiplicidade dos sujeitos levanta a importância de se questionar as formas que a literatura encontra para representá-los. A juventude também é reconhecida por sua heterogeneidade, porém, é relevante se perguntar realmente temos acesso a ela. Quais jovens são representados hoje pela literatura brasileira? O presente artigo visa analisar a forma como a juventude é construída na/pela narrativa *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2013) da escritora gaúcha, Luísa Geisler. A partir de tais perguntas a reflexão aqui proposta toma como base os princípios teóricos de pesquisadores como Regina Dalcastagne (2012), Rosely Sayão (2004) e Alberto Melluci (2000).

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Literatura brasileira. Literatura contemporânea.

**ABSTRACT:** The recognition of the multiplicity of subjects raises the importance of questioning the forms that literature finds to represent them. Youth is well known by its heterogeneity, but it is relevant to ask if we really have access to it. Which young people are represented today in Brazilian literature? This article aims to analyze the way the youth is built in or by the narrative *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2013) of the Gaucho writer, Luísa Geisler. From these questions the reflection proposed here is based on the theoretical assumptions of researchers such as: Regina Dalcastagne (2012), Rosely Sayão (2004) and Alberto Melluci (2000).

**KEYWORDS:** Youth. Brazilian literature. Contemporary literature.

A juventude tem-se constituído objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas. São diversas as abordagens teóricas que vêm analisando as mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. Na apresentação das descobertas e dúvidas que permeiam a ideia do que é ser jovem, a literatura acaba adquirindo um espaço de grande importância. No ce-

---

1. Doutoranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e técnica em educação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Bagé/RS/Brasil. Email: arianeaneto@hotmail.com.

2. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bagé/RS/Brasil. Email: andersonmartinsp@gmail.com.

nário brasileiro, isso não é diferente. Lembremos que a juventude já foi tema de escrita de diferentes épocas e de diversos autores brasileiros. Se olharmos para o passado, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis e Clarice Lispector, por exemplo, são alguns dos escritores dos quais encontramos textos protagonizados por personagens jovens. Já no século XXI, podemos citar Carol Bensimon, Edney Silvestre e Paulo Lins, autores que, em suas linhas, trazem os anseios dos jovens brasileiros. Não podemos esquecer o *boom* de textos sobre a juventude que encontramos em *blogs*, sites, *vlogs* que se ampliam com o advento da internet.

Isto posto, o presente artigo objetiva discutir a relação entre a juventude e a literatura, enfocando a maneira como os jovens vêm sendo retratados nas linhas da gaúcha, Luísa Geisler. Para discussão de tais premissas, trabalharemos com o texto *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2013) que traz em suas páginas personagens que vivem a época dourada da adolescência, uma fase de descobertas, dúvidas e experimentações. O texto que aqui será analisado é narrado basicamente em primeira pessoa. A história nos é contada através das cartas escritas por Ike para seu amigo em coma, Gabriel. Seus escritos vão transformando-se, aos poucos, em um pequeno diário, no qual encontramos o discurso de um personagem fragmentado, que se constrói a cada nova experiência, certeza ou incerteza. O livro possui trinta e um capítulos e os capítulos pares são narrados por Ike e, os ímpares, vão ser contados em terceira pessoa, na tentativa de dar conta daquilo que Henrique não tem acesso.

Festas, drogas, amigos, sexualidade são os temas que nos deparamos enquanto nos aventuramos nas linhas da literatura de Geisler. Dessa maneira, buscar-se-á refletir acerca do entorno da autora e, quais repercussões este traz em sua literatura, bem como questionar que juventude está representada na obra. Para tanto, o ensaio baseia-se nos estudos de Regina Dalcastagne (2012), Rosely Sayão (2004) e do educador Alberto Melluci (2000).

Geisler vem de uma família gaúcha de classe média, sempre estudou em escolas particulares e graduou-se em Relações Internacionais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), universidade privada. A família, com certos privilégios financeiros, possibilitou à Luísa a realização da oficina literária de Assis Brasil. Oficina reconhecida por sua qualidade e por seu alto valor, uma oportunidade para poucos. Geisler faz parte de uma geração de escritores, que nas palavras de Regina Zilberman, enxerga a literatura como meio de sustento pessoal (ZILBERMAN, 2010). Confirmando tal ideia, a escritora diz que “quando a gente começa a escrever, faz muita coisa de graça. Antes, eu achava que teria um emprego durante o dia e escreveria à noite. Agora sei que posso viver disso (2012,

*online*). A autora ainda completa dizendo que “era uma guria que escrevia para si mesma. Aos poucos fui tomando consciência do que era o leitor” (2012, *online*). Como reflexo de sua estabilidade financeira, durante a escrita de seus romances, Geisler teve a oportunidade de passar por temporadas no exterior com o auxílio dos pais e com dinheiro guardado da venda de seus livros.

Com apenas 24 anos, a canoense traz três livros em sua bibliografia. O primeiro deles é um livro de contos, *Contos de Mentira*, publicado em 2011. No seu livro de estreia, a gaúcha trabalha, em suas próprias palavras, com “pequenas mentiras que as pessoas contam” (GEISLER, 2012, *online*). A autora afirma que o primeiro livro foi pensado especialmente para participar do concurso SESC de literatura, no qual saiu como vencedora em 2010 na categoria contos.

Em 2011, Luísa participa mais uma vez do mesmo concurso, obtendo novamente a premiação. Dessa vez com o livro *Quiça*, que veio a ser publicado em 2012, a escritora ganha na categoria romance. O referido romance narra um ano da vida de Clarissa e Artur, personagens primos pela família materna. Sobre *Quiça*, o jornalista Arthur Tertuliano diz,

há algo de elegante na técnica narrativa utilizada por Luisa. Descobrir como ela funciona demanda algum tempo[...] há outra dualidade, interna e eminentemente geográfica, em tais capítulos; os pares, nos lembram da quantidade de histórias que continuam a ocorrer pelo mundo enquanto suspendemos a descrença, mergulhamos num romance e convivemos por horas com personagens antes desconhecidos. (2013, *online*)

Já em 2013, temos o seu terceiro trabalho intitulado, *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*. Estamos falando do romance de amadurecimento de Geisler. O primeiro romance em que ela não parece sofrer com a pressão de escrever pensando em ganhar prêmios. Em *Luzes*, nos é contada a história de Henrique, ou apenas Ike. Ele acaba de “perder” o seu melhor amigo, Gabriel, que está em coma após bater a cabeça ao cair de uma rede. Na esperança de que o melhor amigo acorde, como já mencionado, o jovem começa a escrever cartas para mantê-lo atualizado. No decorrer de oito meses, a vida de Henrique parece mudar completamente e, assim, somos apresentados a estilhaços de um personagem que aos poucos vai percebendo a difícil tarefa de crescer e tornar-se um adulto.

A autora, como visto, parte de um contexto muito específico e, o que sua obra representa parece não fugir as suas vivências. Compreendemos isso, ao sermos apresentados aos personagens de *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2013). Jovens que têm a seu dispor certos privilégios. Não nos são con-

tadas histórias de indivíduos que fazem parte de esferas menos favorecidas em tal narrativa. Tal apontamento remete-nos às reflexões de Regina Dalcastagnè em seu livro, *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* (2012), sobre a noção de exclusão à literatura de certos personagens e o prevalecimento de modelos particulares de sujeitos. Nesse texto, Dalcastagnè olha atentamente para a literatura brasileira contemporânea, trazendo um panorama de como esta se apresenta nos dias de hoje. É interessante notar que logo no início de seu trabalho, a autora afirma que “a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão” (2012, p. 12). Pelo exposto, podemos dizer que os livros que recebem o aval das editoras, o livro de Geisler está aqui incluído, chegando às estantes das livrarias, são textos que advêm de estratos sociais específicos, bem como representam determinadas esferas da sociedade.

Todos em *Luzes de emergência de acenderão automaticamente* fazem parte da classe média, alguns até de classe média alta. As características e atividades dadas aos personagens demonstram o acima afirmado. O personagem Dante, por exemplo, trabalha em uma reconhecida agência de publicidade e fala francês. O texto é carregado também de expressões em língua inglesa, mostrando que esta é comum aos indivíduos circunscritos à narrativa. Ademais, os jovens possuem acesso constante às atualizações da tecnologia como celulares e videogames, sendo todos esses objetos necessários para a construção do universo narrado por Geisler. Ainda, Dante e Henrique transitam, com facilidade, pelo litoral gaúcho e estão na universidade atividade, que ainda hoje, não é do acesso de todos. Como bem mostrado pelo excerto abaixo:

Meu velho,  
Vamos para Imbé nesse carnaval. [...] Quando liguei para Scilla pra convidar os dois pra Imbé, achei que não iam poder de novo. [...] Combinamos das caronas (eles vão no carro do pai). (GEISLER, 2013, p. 74).

Dos personagens, Henrique parece ser o menos privilegiado, já que precisa trabalhar para pagar o curso de administração e ainda conta com financiamento universitário, “[...] até faço mais cadeiras na faculdade. Imagina só, com o Fies cobrindo 75%” (GEISLER, 2013, p.11). Porém, é importante salientar que, Ike só paga a faculdade, pois não recebeu o apoio de sua família ao decidir trocar o curso de graduação. Ocupar um lugar de “menor privilégio” tem reflexos na autoestima

de Henrique, que em vários momentos, compara-se com o amigo em coma, que estuda em uma universidade melhor conceituada e tem um emprego melhor, “tu era bolsista que passou em primeiro lugar no Direito da PUC [...] Teu estágio é (era?) do caralho” (GEISLER, 2013, p. 37).

Outro ponto importante de se pensar sobre a narrativa da escritora gaúcha é o que se refere à cor da juventude retratada. Mais uma vez, Geisler parece não se distanciar da realidade dos demais textos brasileiros do século XXI. Por mais que, não se faça menção à cor das personagens, não se é colocado em questão o fato de a escritora gaúcha tratar de jovens brancos. A autora representa a sua juventude. Sobre o tema, Dalcastagnè afirma que hoje, no panorama da literatura brasileira, 243 das personagens são brancos e 36 negros. Não se tem acesso às histórias de jovens negros, que bem sabemos, em sua grande maioria, em muito distanciam-se da realidade de *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2012).

Nesta perspectiva, o livro de Geisler, ao representar o sujeito a partir de uma única perspectiva, já que suas personagens são homens e brancos, vai ao encontro da ideia defendida por Dalcastagnè. Para a professora e crítica literária, a literatura brasileira não tem nada de plural, na realidade, o que se tem acesso é a uma “notável limitação de perspectiva” (DALCASTAGNE, 2012, p. 18). De acordo com a pesquisa realizada por ela, quando se pensa no que vem sendo retratado pelos livros brasileiros a resposta é imediata: leem-se histórias sobre e contadas por homens, brancos, classe média, que vivem na grande metrópole. O que não difere em muito das características dos próprios escritores. Dalcastagnè traz Foucault e sua noção de controle do discurso, para confirma a ideia de que as minorias vêm sendo apagadas dos discursos encontrados nos livros, “em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A pesquisadora também afirma que no contexto atual pode-se “falar em diversidade de estilos, mas não em efetiva diversidade de autores e de perspectivas sociais, pelo menos não em meio aos espaços mais consagrados” (DALCASTAGNE, 2013, p. 33). A obra da escritora gaúcha, mesmo sendo um trabalho de escrita de uma perspectiva feminina, reforça, ao dar voz a personagens homens, o afirmado por Dalcastagnè.

Em fase de diferentes descobertas e mudanças, os personagens do texto aqui analisado, acabam por não conseguir contar a história em sua totalidade. Tal afirmativa corrobora as palavras de Dalcastagnè, “no lugar daquele sujeito pode-

roso que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por alguém que tropeça no discurso, esbarra em outros personagens, perde o fio da meada” (DALCASTAGNE, 2012, p. 75). Tanto Ike quanto Dante apresentam espaços em brancos, lacunas em suas memórias criadas por suas bebedeiras com os amigos, pelo uso de diversas medicações controladas, drogas, bem como pelos traumas causados pela falta de comunicação com pais - que trabalham muito, cheios de problemas que não podem ser compartilhados com os filhos, “jovens demais”. Não muito diferente de outros romances da literatura brasileira do século XXI, ambos os narradores trazidos por Luísa parecem não dar conta da velocidade com que a vida dos personagens transcorre, dos vazios que não são preenchidos. Os excertos abaixo confirmam tais afirmações sobre o romance:

[...] eu não lembro quem disse isso. Foi tu? Foi um filme? Eu não sei. [...] Mas, quando eu penso nessa frase [...], a mesma pergunta me ocorre de novo e de novo. E se não der para encaixar todas as partes, para começo de conversa. (GEISLER, 2013, p. 135).  
p.s. daí tu me diz que eu fiz tal coisa que eu não lembro de ter feito. (GEISLER, 2013, p. 154).

Ike e Dante, não diferindo da juventude como um todo, transparecem os sentimentos de solidão e incompreensão comuns a tal fase da vida. As fala de Ike, abaixo transcrita, corrobora ao afirmado: – “[...] porque eu [Ike] não tinha ninguém com quem falar. Mas isso tudo ia soar depressivo e exagerado. [...] talvez eu precise de alguém com quem falar e só” (GEISLER, 2013, p. 50).

Outro ponto retratado no romance é a distância criada entre os jovens e os seus pais. Os pais de Ike são poucas vezes mencionados no texto e, quando citados, nunca aparecem em situação de proximidade com o filho. Os diálogos travados entre eles confirmam a total desconexão familiar. Os pais não têm acesso ao filho, que também não se sente à vontade de compartilhar sua vida com eles. Para Dante, a realidade não difere, esse expressa, em diálogos que tem com o Ike, certa tristeza ao comentar das várias namoradas do pai, situação que acaba, de alguma maneira, por afastá-los.

Entretanto, se compararmos os jovens de classe média da escritora gaúcha com o jovem pobre da periferia, podemos dizer que o distanciamento entre pais e filhos é causado por diferentes fatores. Enquanto nos textos de Geisler a distância é criada por pais que acreditam que o trabalho é a melhor maneira para prover uma boa condição aos filhos (escola particular, roupas de marca, etc.) e, por filhos que dispensam a maior parte de seu tempo em variadas atividades como aulas de inglês, idas ao cinema etc; para a juventude pobre, tal distância é muitas

vezes causada pelo envolvimento dos pais ou mesmo dos filhos com o mundo do crime ou pelo tempo dividido entre os diversos empregos que objetivam o suporte às necessidades básicas da família.

Contudo, entendemos que resumir a juventude à algumas emoções e fatos é tarefa muito simples. De acordo com a pesquisadora Rosely Sayão é sempre um risco tentar apreender a juventude e retratá-la em textos, ficcionais ou não. Os jovens pouco têm em comum e sempre há o risco de universalizar estilos, características, perfis e modos de viver, o que leva a metonímia, tomar um por todos ou por quase todos. Corroborando com a afirmativa da professora, o educador Alberto Melucci diz,

[...] os jovens vivenciam de formas diferenciadas, por exemplo, o acesso ao mundo do trabalho, as expectativas de mobilidade social, os problemas relacionados à inclusão/exclusão social, a elaboração de projeto de futuro, entre outros, por estarem em uma condição que apresenta certa transitoriedade. [...] vivenciarem diferentes pertencimentos em relação ao gênero, grupo social, etnia, [...]. Constroem ações coletivas de inserção na sociedade, de construção de identidade e expressões que lhes são próprias. Os jovens estão constantemente *fazendo escolhas* [...]. (MELUCCI, 2000, p. 28).

Desta maneira, percebe-se a necessidade de se considerar a juventude sempre em sua pluralidade, já que viver essa época extraordinária de descobertas depende de seu contexto histórico, regional, econômico, cultural. Sayão acrescenta que “há ainda o risco, temerário por sinal, de psicologizar [sic] essa etapa da vida, o que leva fatalmente a miopias, estereotípias e preconceitos. Mesmo assim, é possível tecer narrativas que retratem particularidades e generalidades da juventude” (SAYÃO, 2004, *online*).

Percebemos no romance de Geisler o que para Sayão é universal para a juventude: a pressão da passagem da infância, um mundo sem preocupações, à vida adulta, fase cheia de responsabilidades e que assusta, como fica claro em umas das cartas de Ike para Gabriel – “[...] tu te pergunta quando tua vida adulta vai começar [...] tenho a sensação de que eu vou ficar o resto da minha vida procurando o que é que eu quero fazer.” (GEISLER, 2013, p. 216). Entretanto, sabemos que quando colocamos os jovens como centro de uma discussão, estamos abordando principalmente conceitos de identidade e de construção desta. Sabemos que o processo de identificação não é estático, sendo marcado principalmente pelo espaço em que o jovem está inserido, ocorrendo em um mundo marcado pela complexidade no qual, constantemente, o jovem está fa-

zendo escolhas e, conseqüentemente, aumentando, até mesmo, suas incertezas. Para Melucci (2000), a identidade é um processo de negociação constante cujo desafio é viver tecendo a trama da continuidade. Desta maneira, ele completa, “se a certeza escapa, a necessidade de se tornar reflexivo e aprendente [sic] torna o presente um momento de *máximo* encanto, em que a identidade se faz aqui e agora e na experiência” (MELUCCI, 2000, p. 30).

Os desafios para a construção das identidades de Ike e Dante são tortuosos. Isso é consequência de processos de descoberta dos jovens perpassam vários fatores de suas vidas. Henrique, por exemplo, questiona sua sexualidade. Já Dante está construindo sua vida, viajará para o exterior em busca de ascensão profissional, que mesmo cedo, lhe é cobrada. É dessa maneira, que a busca por respostas é presença constante nos diálogos dos personagens de *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*, porém, tudo isso vai sendo vivido entre festas regadas a bebidas, muitas delas bem caras, drogas e problemas de relacionamentos.

De tanto encherem os copos de shot, já tinha derramado tequila em boa parte da mesa de plástico. À tequila juntam-se cerveja, restos de salgadinhos [...] Em torno da mesa, copos plásticos quebrados, poças de bebidas [...]. (GEISLER, 2013, p. 97).

Sabemos que afirmar isto não implica que tal realidade não esteja presente na vida de jovens de espaços menos valorizados, mas Dante e Henrique, depois de noites (e tardes) regadas a bebedeiras, cogumelos, maconha e cigarros retornam para suas casas confortáveis com televisões de última geração e em seus carros bancados pelos pais ausentes fisicamente, mas não financeiramente.

O mercado de trabalho é outro ponto tratado por Luísa Geisler em seu texto. Ike e Dante, diferente da realidade de muitos jovens (a juventude é a faixa de idade que faz parte do maior número de indivíduos desempregados), são sujeitos que possuem suas ocupações. Dante trabalha em uma agência e prepara-se para uma viagem para Europa pelo Ciências sem Fronteiras e Henrique já possui trabalho, mesmo que esteja atrás de um emprego melhor. Como nos mostram as passagens retiradas do texto:

Meu velho, eu tinha uma entrevista de estágio numa escola de idiomas ali perto do Zaffari. A pessoa me entrevistou enquanto mexia no computador. O cargo era recepcionista, e até me ligaram uns dias depois sobre a vaga. (GEISLER, 2013, p. 193).

Ele diz É que eu não sei brincar com o Ciências sem Fronteiras. Ele continua, É estranho tu preparar as pessoas para tu ficar longe? Seria melhor só ir. Digo. É, seria melhor se tu só fosse (tentando transmitir) minha mensagem se ‘sim, tá tudo bem, de fato. (GEISLER, 2013, p. 248).

Os excertos acima sugerem a facilidade de ambos em transitar em uma realidade bem diferente de uma juventude mais pobre. A narrativa nos mostra que Dante e Ike não sofrem com problemas como falta de instrução, podendo concorrer a diferentes vagas de emprego. Ao terem acesso a níveis mais elevados de ensino, em um caminho inverso ao jovem periférico, os dois podem, até mesmo, escolher onde e como vão trabalhar. Dessa maneira, viagens ao exterior tornam-se possíveis.

Em *Luzes*, Dante e Henrique também são filhos únicos, não precisando assumir responsabilidades com outras pessoas, podem gastar o dinheiro que ganham com eles mesmos. Por exemplo, Ike não se compromete nem com a namorada, Manu. Ele vai para praia mesmo sem ela poder. Já Dante, pode passar uma temporada fora sem se preocupar com o que vai deixar em Esteio.

Já no que diz respeito à linguagem usada pelos quatro personagens aqui analisados, verificamos que esta também os distancia da juventude da pobre periferia. Indo ao encontro ao que Rosely Sayão afirma em seu artigo, “os jovens da periferia carregam sua fala com gírias, muitas delas ligadas ao mundo do crime, e palavrões, diferente do que percebemos nos jovens da grande cidade que possuem uma linguagem muito diferente, com uma presença maior de palavras estrangeiras” (SAYÃO, 2004, *online*). Há, nos romances, o uso de diversas expressões em língua inglesa como “*high as a fuck*”, “*it’s complicated*” ou mesmo frases inteiras como, por exemplo, “*I am he as you are he and you are me and we are all together*”, e uma linguagem bem característica de grande cidade, os personagens de Geisler usam diversos palavrões, mas muito pouco se compararmos com os jovens da periferia retratados em *Cidade de Deus*, por exemplo. A linguagem para os personagens de Luísa é uma maneira de se mostrarem antenados às últimas novidades do mundo, de explicitar o quanto se está ligado ao universo moderno representado na obra, dentre os quais, pelo uso de uma língua que não a portuguesa.

Os temas que circulam entre os grupos são bem característicos de quem tem acesso à internet e de quem possui um poder aquisitivo para frequentar *shoppings*, lojas de tecnologia para comprar videogames, CDs, DVDs de filmes e seriado estrangeiros. O gosto musical também fala muito da juventude que Geisler nos apresenta. Não sabemos de nenhum personagem que escute músicas da cor local e seus gostos se resumem em artistas estrangeiros.

As páginas finais de ambos os romances reforçam a ideia aqui defendida de que Luísa traz em sua escrita jovens privilegiados. Ike encaminha uma carta para Paris, por exemplo. “Fábio confere o papel com o endereço. Aqui é um zero ou um seis. Zero. Lyon, é isso?” (GEISLER, 2013, p. 291, grifo nosso). Como é

apreensível, os espaços em que esses personagens transitam está muito distante do de uma favela, onde os jovens além de lidarem com todos os impasses que envolvem a juventude, convivem com o crime e com problemas financeiros.

De alguma forma, a escrita de Geisler provoca reflexões e questionamentos sobre o impacto causado pela força da globalização, a dissolução de fronteiras, a homogeneização das expectativas, do consumo e que atinge o imaginário e as práticas culturais de nosso tempo; estamos, afinal de contas, falando de uma escritora jovem e que escreve em pleno século XXI. Entretanto, não podemos classificar o seu romance como uma representação global de juventude.

Ike e Dante, em sua fase de descobertas e de perdas, são jovens que falam de um lugar de privilégios. Tais jovens, como quaisquer outros, aparecem como sendo aqueles que se encontram em uma posição de descoberta, de ver e sentir os primeiros impactos de estruturas da sociedade na qual estão inseridos. Esse momento é imediatamente seguido pela sede de conhecimento e de procura de ainda mais novidades, já que tudo está mudando nessa fase. Passa-se por um grande período de transição. Entretanto, todos os personagens citados, fazem isso acompanhados de seus celulares, computadores e os carros mais modernos. Se pensarmos em jovens negros, residentes de favelas, com famílias enormes, que muitas vezes devem trabalhar para ajudar no sustento, essa fase da vida se daria de diferentes maneiras. Concordamos com Sayão ao dizer que a maior preocupação da juventude é crescer, é o caminho para uma vida adulta, mas não podemos dizer que tal preocupação acontece da mesma maneira para todos. Enquanto uns preocupam-se com o crescer aliado a uma viagem para Paris, como no caso de Dante, outros necessitam se preocupar com necessidades mais urgentes e basilares, não está em sua realidade uma viagem para Paris custeada pela universidade, já que, para muitos, este ingresso não é ou será realidade.

Percebemos que Luísa retrata a juventude por ela vivida. Em vários momentos dos textos percebemos um pouco de Geisler como quando ela cita ESPM, universidade na qual estudou, ou quando Ike fala sobre a Noruega, país onde a escritora passou uma temporada. Aqui lembramos do defendido por Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade* (1976), há a necessidade de se fundir texto e contexto, de modo a que os fatores sociais externos não se tornem significativos numa maneira causal, mas sejam elementos com papéis específicos na construção de uma estrutura narrativa, ao atingirem tal ideal tornam-se internos. Para Cândido, “o elemento social se torna um dos muitos que interferem na criação de um livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros” (CÂNDIDO, 1976, p. 7).

A partir do exposto, esperamos ter pincelado as características da juventude representada por Geisler no presente livro, mas não apenas isso. Espera-se ter apontado para questões mais amplas que vão de direto encontro à representação da juventude na literatura. Obviamente, tais questões, que giram em torno da visibilidade ou de sua negligência, não se restringem a esta faixa etária, todavia é importante demonstrar que nas mais diversas fases do homem a sua representação na literatura é perpassada por fatores sociais que o creditam a pertencer ou não a determinados espaços, infelizmente a literatura não é exceção.

Ainda no século XXI, poucos são os romances que relatam a realidade vivida por jovens sem grandes privilégios, pobres e da periferia. A literatura brasileira precisa mostrar as outras facetas da juventude que aqui cresce. É imperativo ouvirmos as vozes daqueles que vivem em um “mundo”, no qual escolas particulares, viagens à praia, universidade e facilidade de acesso ao mundo de trabalho não são a realidade.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyla, 1996 [1971].
- GEISLER, Luísa. *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- GEISLER, Luísa. *Entrevista pt. 1 para Imagem da Palavra*. 15 Mar 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CBbnBPIYZ9I>>. Acesso em: 23 Out 2015.
- GEISLER, Luísa. *Entrevista pt. 2 para Imagem da Palavra*. 17 Jun 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VhSNIL9emnI>>. Acesso em: 23 Out 2015.
- GEISLER, Luísa. *Os vinte e poucos anos de Luisa Geisler*. 29 Ago 2012. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/47354>>. Acesso em: 23 Out 2015.
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPed, n.5, maio-agosto; n.6, setembro-dezembro, p. 25-35, jun. 2000.
- REZENDE, Beatriz. *A literatura brasileira num mundo de fluxos*. In: Revista Z cultural. v. 01, ano VI. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2015.

RODRIGUES, M. Fernanda. *Há 30 anos Assis Brasil mantém a mais famosa oficina literária do país*. 30 Nov 2012. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ha-30-anos-assis-brasil-mantem-a-mais-famosa-oficina-literaria-do-pais,967565>>. Acesso em: 27 de novembro.

SAYÃO, Rosely. *Leituras Cruzadas: Bendita mal dita juventude*. 26 Out 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/leituras-cruzadas-bendita-mal-dita-juventude>>. Acesso em: 18 de novembro.

TERTULIANO, Arthur. *Contém uma boa história*. Mar 2013. Disponível em <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/contem-uma-boahistoria/>>. Acesso em: 28 de novembro.

ZILBERMAN, Regina. *Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI. Nada* Letras em Revista. Porto Alegre, ano13, n. 15, p. 183-200, 2010.